



INCLUSÃO ESCOLAR E A LUDICIDADE: BUSCANDO ALTERNATIVAS, AMPLIANDO POSSIBILIDADES

Daniela Fantoni de Lima Alexandrino; Cíntia Lúcia de Lima; Amanda de Moura Alves;
Gabriela de Paula Rosa; Vanessa do Carmo Almeida

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) barbacena@uemg.br

Resumo:

O PIBID/UEMG/BARBACENA tem como foco inserir os licenciandos do curso de Pedagogia na realidade escolar relacionando teoria à prática, bem como promover formação continuada aos professores supervisores e coordenadores de área, os quais atuam como bolsistas em uma escola pública da cidade de Barbacena-MG, além de seu caráter formador, também possui uma característica extensionista, por buscar transformar a realidade escolar através de ações oriundas da Universidade pautadas nas demandas das próprias instituições escolares. Diante disso, temos como principal objetivo estabelecer estratégias educacionais lúdicas a fim de promover a inclusão de crianças com deficiência, dificuldades de aprendizagem e transtornos de comportamento. Para atingir os objetivos do referido subprojeto, realizamos intervenções didático-pedagógicas com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagens, deficiência auditiva, deficiência visual, desvio de conduta, deficiência intelectual, condutas típicas, transtorno de comportamento e deficiência física. Assim, iniciamos nossas atividades com os alunos buscando valorizar suas potencialidades e habilidades, as quais são indispensáveis no processo de ensino e aprendizagem. Utilizamos principalmente a ludicidade através de recursos como jogos educativos e materiais concretos, desenvolvendo a sociabilidade, expressividade, autonomia, respeito mútuo e aceitação de regras. Consideramos que o processo de inclusão é de suma importância para a renovação da escola, espalhando sua ação formadora a todos os envolvidos, melhorando sua qualidade de ensino com intervenções pedagógicas apropriadas. Dessa forma, concluímos que para a educação inclusiva, trabalhar com a ludicidade é levar em consideração a criança com deficiência como um sujeito participante do processo de aprendizagem, mais que isso, é questionar, refletir e (re)estruturar as práticas pedagógicas atuais e suas funções perante a deficiência. Palavras chave: Inclusão Escolar, Ludicidade, Escola Regular, PIBID.



Introdução

Pensar sobre a Educação Inclusiva nos remete a pensar em uma escola que adota uma pedagogia alternativa em que todos são atendidos, independente de suas necessidades educacionais especiais. “Nos debates atuais sobre inclusão, o ensino escolar brasileiro tem diante de si o desafio de encontrar soluções que respondam à questão do acesso e da permanência dos alunos nas suas instituições educacionais” (MANTOAN, 2006, p. 15).

Dessa forma, é importante ressaltar que não existem receitas prontas para atender a especificidade de cada aluno com deficiência, e/ou transtornos comportamentais, e/ou condutas típicas e/ou dificuldades de aprendizagem.

É imprescindível que as instituições de ensino regular continuem atentas aos interesses, às características, às dificuldades apresentadas por todos no dia a dia dessa instituição. Assim sendo, a escola precisa se constituir como um espaço solidário, aberto, acolhedor e preparado a atender as peculiaridades de cada um (CHAPOULIE; BRIAND, 1994).

Espaços inclusivos concorrem para estimular as crianças, em geral, a se comportarem ativamente diante dos desafios da instituição, abandonando, na medida do possível, os estereótipos, os condicionamentos e a dependência que lhes são típicos.

E, por isso, atualmente enfrentamos grandes desafios no ensino regular. Alguns professores e até mesmo instituições escolares apresentam grande estresse e/ou “medo” ao receber um aluno “diferente”, especialmente por não terem uma capacitação anterior para o trabalho com esse alunado.

Segundo Beyer (2003, p. 42):

[...] o que se constata, porém, nesses últimos anos, na repercussão do confronto entre a legislação educacional e estas realidades é o sentimento de incompletude, para não dizer impotência, das redes de ensino em geral, e das escolas e professores em particular, para fazer cumprir esta proposta.

Destacamos, portanto, que, para atender aos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), é necessário o desenvolvimento de um trabalho coletivo, envolvendo sistema governamental, instituição escolar, família e a comunidade.

Desse modo, é importante “salientar que mudanças na educação brasileira, nessa perspectiva, dependem de um conjunto de ações em nível de sistema de ensino que tem de se movimentar a fim de garantir que todas as unidades que o compõem ultrapassem o patamar em que se encontram” (MANTOAN, 2006, p. 27).



Como exemplo de mudança, podemos citar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilita uma ampliação da vivência do exercício da docência pelos seus licenciandos, especialmente na Educação Inclusiva, além de privilegiar a construção do conhecimento mais apurado, buscando a (co)relação entre teoria e prática.

Esse programa é um programa de incentivo e valorização da docência e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e possui uma característica extensionista por buscar também a transformação da realidade escolar através de estratégias propostas pela Universidade, demandadas pelas próprias instituições de ensino.

Nesse sentido, o PIBID oferece bolsas para que estudantes de cursos de licenciatura desempenhem atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica, colaborando para a aproximação entre a universidade e a escola, entre a teoria e a prática, buscando proporcionar a melhoria da qualidade da educação brasileira.

Pensando nessa aproximação, o PIBID possui uma dinâmica diferenciada, uma vez que, para assegurar os resultados educacionais, os bolsistas são orientados por coordenadores de área, nos quais são docentes universitários, e por supervisores, nos quais são docentes das escolas públicas onde o PIBID implementa suas atividades. Assim, o “diálogo e a interação entre licenciandos, coordenadores e supervisores geram um movimento dinâmico e virtuoso de formação recíproca e crescimento contínuo” (BRASIL, 2011, p. 27), sendo, portanto, um instrumento muito valioso não só na formação para a Educação Inclusiva, como para mudanças na própria realidade da inclusão escolar.

Outro exemplo de mudança é a consideração da ludicidade como um elemento que pode contribuir para a inclusão escolar, já que a ludicidade se caracteriza como um momento não imposto, onde a espontaneidade se apresenta, e conseqüentemente, a expressividade e a criatividade. Esses momentos precisam ser mais experienciados na escola, pois eles servem de suporte e auxílio para estruturarmos o diagrama de nossa identidade. A partir da vivência de uma experiência lúdica, é possível, ao indivíduo, refletir sobre os efeitos que se revelam nele e nas relações advindas do compartilhamento com outros sujeitos. Conforme Pereira (2005), as experiências lúdicas vão propiciando espaços, onde podemos viver o pensar, sentir e agir ao mesmo tempo. Deste modo, mantemos contato com um estado de consciência, que pode nos levar a uma manifestação mais original, mais plena. Para essa mesma autora (2005, p.116), “as atividades lúdicas permitem que o indivíduo vivencie sua inteireza e sua autonomia em um tempo-espaço próprio, particular. Esse



momento, de encontro consigo mesmo, gera possibilidades de maior consciência e conhecimento de si”. E assim, podemos nos aproximar um pouco mais daquilo que somos de fato, permitindo firmar caminhos que nos conduzam à realização de nossos desejos.

Para a Educação Inclusiva, portanto, trabalhar com a ludicidade é levar em consideração a criança com deficiência como um sujeito participante do processo de aprendizagem, mais que isso, é questionar, refletir e (re)estruturar sobre as práticas pedagógicas atuais e suas funções perante a deficiência.

Dessa forma, a seguir, apresentaremos algumas experiências do PIBID/UEMG//BARBACENA em Pedagogia, com o intuito de estabelecer estratégias educacionais, utilizando a ludicidade, para a promoção da inclusão de crianças com deficiência, dificuldades de aprendizagem e transtornos de comportamento.

Metodologia

Temos como metodologia a realização de intervenções em uma escola municipal de Barbacena (observações em sala de aula, observações da rotina escolar, acompanhamento de atividades de ensino e avaliação junto aos professores envolvidos e junto ao professor supervisor), buscando possíveis indicadores da inclusão e/ou possíveis conflitos que tornam a Educação Inclusiva cada vez mais distante, possibilitando aos bolsistas a elaboração de atividades que possam contribuir para que o processo de inclusão se efetive.

Vale ressaltar que as atividades foram elaboradas levando em consideração os pressupostos da ludicidade, onde utilizamos jogos educativos e materiais concretos. Além disso, atuamos com crianças com dificuldades de aprendizagens, deficiência auditiva, deficiência visual, desvio de conduta, deficiência intelectual, condutas típicas, transtorno de comportamento e deficiência física.

Resultados e Discussões

Em um primeiro momento foi realizado um levantamento sobre o contexto em que a escola está inserida para que pudéssemos entender o público que atuaríamos. Segue os resultados:

A escola em que atuamos está localizada na periferia da cidade de Barbacena/MG e atende uma clientela de crianças e adolescentes que vai de 0 a 14 anos.

As famílias em sua maioria são carentes de recursos financeiros, com baixo nível social e cultural. Os alunos são filhos de classe trabalhadora,



de mães que trabalham em casa de família e serviços gerais. A escola é uma Instituição de apoio e referência para a comunidade, pois a ela, os pais delegam a educação de seus filhos de forma quase integrada. A escola ao longo dos anos vem recebendo um contingente cada vez maior de alunos com dificuldades de aprendizagem e também com deficiências auditivas, surdo-mudo, deficiência visual, desvio de conduta, deficientes visuais, condutas típicas, transtornos de comportamentos (hiperatividade) e deficiente físico.

Esse contexto vem exigindo novos posicionamentos da escola e uma atuação pedagógica que assegure a permanência no ensino regular com sucesso. A atuação da escola não vem ocorrendo de maneira isolada, a busca de parceria com instituições especializadas tem auxiliado no atendimento das necessidades educacionais especiais dos alunos para que possam progredir no processo do ensino aprendizagem.

Seu regime de funcionamento: Integral (Creche – 7h às 17h), 1º turno (Educação Infantil e Ensino Fundamental - 7h às 11h 26m) e 3º turno (Educação Infantil e Ensino Fundamental - 13h às 17h 26m). Sendo que a mesma é mantida pela Prefeitura Municipal de Barbacena – MG, a qual compete à administração geral do estabelecimento e a responsabilidade por seu funcionamento.

Iniciamos as intervenções, portanto, com a aplicação de jogos pedagógicos voltados para a ludicidade para estimular o desenvolvimento dos alunos, permitindo, dessa forma, uma maior aproximação de nossas bolsistas com as crianças a serem atendidas. Essa interação inicial nos surpreendeu bastante e proporcionou uma integração acima do esperado. A seguir, alguns exemplos de atividades aplicadas.

Quadro 1: Exemplo de atividade ministrada

ATIVIDADE 1	
Tema	O Pirata
Criança atendida	Criança com Deficiência Intelectual
Objetivos	Trabalhar a consciência fonológica (rima inicial); Trabalhar o processo da leitura.
Duração	50 minutos



Desenvolvimento da atividade	<p>1º Momento: Recitar o verso para a aluna e fazer a interpretação oral do mesmo.</p> <p>2º Momento: Pedir a aluna para montar o quebra – cabeça com as palavras do verso e colar no caderno.</p> <p>3º Momento: Pedir a aluna para fazer uma ilustração sobre o verso.</p>
Observações da atividade	<p>Percebemos que a aluna estava desconcentrada, assim fizemos a seguinte intervenção: pedimos para separar a palavra em sílabas oralmente e falar quais as letras que formam a primeira sílaba da mesma, este processo facilitou para a aluna encontrar as palavras e montar o verso. Quando ela pegava a palavra incorreta, fazíamos a mesma observar a palavra e analisar os sons.</p> <p>No momento da colagem, a mesma demonstrou cansaço.</p> <p>Buscando sondar sobre o conhecimento da aluna a respeito de um pirata, ela disse que é um homem que tem o olho tampado e que anda de barco. Pedimos para ilustrar o verso. Apesar de apresentar cansaço em alguns momentos a aluna desenvolveu bem as tarefas propostas e recitou com entusiasmo o verso.</p>

Fonte: Campo de pesquisa das autoras

Quadro 2: Exemplo de atividade ministrada

ATIVIDADE 2	
Tema	Jogo da Memória
Criança atendida	Criança com Deficiência Intelectual
Objetivos	Trabalhar o processo de alfabetização; Buscar estratégias de associação.
Duração	50 minutos



Desenvolvimento da atividade	<p>1º Momento: Apresentar o “Jogo da Memória Brinquedos” (imagem x imagem), lendo as regras do mesmo para a aluna.</p> <p>2º Momento: Buscando trabalhar a interpretação e compreensão das regras acerca do jogo pedir a aluna para explicar como se deve jogar, após a leitura das regras feita pelo aplicador, jogar com a mesma.</p> <p>3º Momento: Após o jogo, pedir a aluna para escolher 5 imagens. Em seguida organizá-las lado a lado, marcar um tempo para a aluna observar a sequência e tampar; entregar as peças com as imagens e pedir para que ela as organize na mesma sequência; quando terminar destampar e conferir se organizou suas peças na sequência correta.</p>
Observações da atividade	<p>Demos início a atividade trabalhando a grafia do nome próprio, a aluna apresentou uma melhora, esquecendo-se apenas de uma letra.</p> <p>Antes de começarmos o jogo, explicamos as regras e solicitamos que ela demonstrasse o que entendeu. A mesma apresentou domínio, desenvolvendo com facilidade o que compreendeu e de maneira correta.</p> <p>No desenvolvimento do jogo da memória, observamos que na maior parte do tempo, a aluna manteve-se concentrada e atenta, conseguindo assimilar as cartas e encontrar seus respectivos pares.</p> <p>No terceiro momento, quando mostramos para a aluna uma sequência de cartas (5) e viramos ao contrário, para a mesma repetir a ordem, ela organizou da maneira correta sem nenhuma intervenção.</p>

Fonte: Campo de pesquisa das autoras

Quadro 3: Exemplo de atividade ministrada

ATIVIDADE 3	
Tema	O Tabuleiro do Sapo
Criança atendida	Criança com Transtorno de Comportamento



Objetivos	Trabalhar o processo da subtração (fato fundamental); Estimular percepção espacial; Desenvolver raciocínio matemático.
Duração	50 minutos
Desenvolvimento da atividade	1º Momento: Solicitar à aluna que escreva a palavra sapo. 2º Momento: Explicar como a atividade será desenvolvida. 3º Momento: Apresentar um tabuleiro contendo 48 subtrações, no qual a aluna deve resolvê-las e marcar o caminho somente pelas operações com total ZERO. Utilizamos o material dourado como recurso para resolver as operações.





Observações da atividade	<p>Foi desenvolvida uma atividade usando o Tabuleiro do Sapo, o qual apresentava operações de subtração (fato fundamental).</p> <p>Começamos a atividade solicitando à aluna para escrever a palavra SAPO, onde a mesma fez algumas confusões, ora respondia de acordo, ora não, o que lhe atrapalhava no momento da escrita. Demonstrou grande interesse e fazia algumas objeções quando a supervisora intervinha com correções necessárias.</p> <p>Explicamos como seria desenvolvida a atividade antes de dar início ao jogo, neste momento exploramos o conhecimento prévio da aluna sobre o processo da subtração. Durante toda a atividade, foi utilizado o material dourado, no começo foram necessárias algumas intervenções.</p> <p>No terceiro caso de subtração a aluna demonstrou maior entendimento sobre o jogo, apresentando uma significativa melhora em seu raciocínio e na sua capacidade de percepção, citamos como exemplo: ela pegou duas unidades de uma só vez; mas soube distinguir que cada um simbolizava uma quantidade. Também foi possível perceber que em certos momentos a aluna trocava o sinal de menos por mais ao falar a operação.</p> <p>Buscando perceber o nível de compreensão da aluna sobre a subtração, em uma operação 3-3, foi pedido a mesma que fizesse a conta mentalmente (sem utilizar o material dourado), ela respondeu com precisão. Notamos que, na metade da atividade, foi adotado pela mesma uma estratégia onde subtração de números iguais daria zero, com isso finalizou a tarefa proposta com mais facilidade e rapidez.</p> <p>Ao perguntar se ela gostou da atividade, sua resposta foi positiva, relatando que o sapo é legal.</p> <p>Finalizamos este exercício satisfeitas, pois alcançamos nosso objetivo e percebemos que a aluna melhora a cada aula, em termos cognitivo, motor e social.</p>
--------------------------	---

Fonte: Campo de pesquisa das autoras



Durante o desenvolvimento do projeto, além de observamos uma transformação no desenvolvimento das crianças atendidas, percebemos que a participação de nossas alunas no cotidiano escolar é de extrema importância, não só para a escola (pois tivemos inúmeros relatos de pais, dos próprios alunos atendidos, da direção e supervisão das melhorias que o programa vem proporcionando), como para a formação das mesmas.

Pereira (1999) vem nos mostrar que este é um modelo alternativo para a formação docente que vem dando certo, uma vez que os licenciandos se tornam mais envolvidos com a realidade, esse é o modelo da racionalidade prática. A concepção desse modelo é ver o professor se tornar um sujeito reflexivo, humano e podendo ter uma prática profissionalmente autônoma. Para esse modelo o conhecimento científico não é mais visto como imutável, o importante é rever os conceitos, questioná-los, recriá-los, ou seja, uma aprendizagem constante, através do ato de refletir sobre os conhecimentos.

O relato das bolsistas a seguir vem corroborar com a afirmação acima:

As experiências vividas ali colaboraram para minha formação acadêmica bem como para meu aprimoramento como ser humano. Pois academicamente pude interagir com as terminologias e conceitos sobre a inclusão escolar. Como ser humano, houve crescimento ao compreender, na prática, a difícil tarefa de encarar as realidades sociais e tentar superar as mesmas para que o ensino pudesse ser em alguma medida efetivo na vida dos alunos. É inevitável que fortes laços emocionais sejam criados nesse ambiente (BOLSISTA 1).

O que estamos vivenciando na escola é único, seria muito importante que todos os estudantes dessa área tivessem essa oportunidade. Vivendo a realidade temos o dever de sermos mais responsáveis, de aprender e sempre que possível passar adiante tudo isso. Sinto que essa atividade desenvolvida através do PIBID fará de nós melhores futuros professores, mais conscientes, sensíveis e mais atentos às dificuldades que nossos futuros alunos apresentarem e conhecendo a causa de tantos problemas poderemos evitar o sofrimento e a angústia de muitas crianças, fazendo delas pessoas mais felizes e realizadas (BOLSISTA 2).

A possibilidade de ainda na universidade, estar em contato com a realidade do ambiente escolar e suas particularidades, contribui para um crescimento acadêmico extremamente significativo. Interagir com o universo da inclusão, nos sendo permitido conhecer, aprender como trabalhar e principalmente ser útil a estas crianças e adolescentes, que possuem todo o direito de frequentar o ensino regular, constitui um verdadeiro alicerce para nossa formação e também nosso futuro docente, permitindo-nos mais segurança quando estivermos exercendo nossa profissão (BOLSISTA 3).

Enfim, nesses meses que estamos atuando na escola, é difícil mensurar os resultados que tivemos. Para a escola houve uma mudança significativa, já que iniciamos uma nova maneira de ensinar naquele contexto, bem como houve uma mudança no atendimento às crianças com necessidades educacionais especiais, uma vez



que com a presença de nossas bolsistas pôde-se criar um atendimento mais individualizado, personalizado e lúdico atendendo, dessa forma, às peculiaridades de cada criança. Em relação às supervisoras, houve um grande crescimento por haver um estímulo ao “retorno aos estudos”, bem como a oportunidade de trocar conhecimentos, esclarecer dúvidas, amenizar ansiedades. A coordenadora de área teve a oportunidade de aliar o saber universitário com o saber escolar, o que pouco acontece hoje em dia, porque muitos professores universitários sequer vivenciam a realidade escolar. E para as bolsistas, como já foi demonstrado, participar do PIBID é a oportunidade de vivenciar e aplicar os pressupostos aprendidos durante a formação, principalmente atuando como novos de ensinar, como a ludicidade.

Conclusão

Precisamos entender que a Inclusão, a diversidade, as diferenças humanas existem em “todos” e está em “todo” lugar. Basta que nos sensibilizemos para vê-las, inclusive, em nós mesmos. Olhar para a diversidade significa compreender um pouco do mundo e um pouco de nós e, assim, buscar exercer o que chamamos de construção da cidadania.

Que pensemos na Inclusão como algo realizável. Que pensemos na Sociedade como um pensamento mutável e, por isso, que há esperança de mudarmos o olhar social preconceituoso para um olhar social amável, democrático e sensível perante as nossas próprias dificuldades e perante as dificuldades alheias. Que idealizemos e façamos uma Escola que priorize o aluno, que inspire a troca de experiências e vivências, que confronte formas (des)iguais de comportamentos e de pensamentos, que busque metodologias interativas e estimulantes como a ludicidade, que faça do (re)conhecimento da diversidade uma estratégia para a aprendizagem e que conceba a criança por inteiro, respeitando a dignidade de todo e qualquer indivíduo.

Concluimos, portanto, que através da ludicidade a inclusão escolar se tornou possível, proporcionando às essas crianças uma aprendizagem efetiva e interessante, levando em consideração suas necessidades e suas peculiaridades. Talvez, seja esse o caminho para que compreendamos a intensidade e imensidade das diferenças humanas para que, no fim, possamos saber dar o verdadeiro valor às nossas crianças, à escola e a toda a diversidade existente na sociedade.



Referências

BEYER, H. O. A educação inclusiva: incompletudes escolares e perspectivas de ação – **Revista Centros de Educação**, Santa Maria, n. 22, 2003. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2003/02/a3.htm>>. Acesso em: 22 out. 2014.

BRASIL. CAPES. Diretoria de Educação Básica Presencial. **Relatório de Gestão 2009-2011**. Brasília: MEC, 2011.

CHAPOULIE, J. M.; BRIAND, J. P. A instituição escolar e a escolarização: uma visão de conjunto. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 47, p. 11-50, 1994.

MANTOAN, M. T. E. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus Editorial, 2006. p. 15-30.

PEREIRA, J. E. D. As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, n. 68, p. 109-125, dez. 1999.

PEREIRA, L. H. P. **Bioexpressão: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores**. Salvador, Bahia. 403 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2005.

